

O Discurso como Instrumento da Violência Simbólica: Uma Análise sobre a Página “Reclame Aqui Bagé”¹

Hallana Rodrigues OLIVEIRA²
Universidade da Região da Campanha, Bagé, RS

Resumo

O presente artigo busca observar como internautas se relacionam e propagam mensagens de ódio que incitam a violência através da página “Reclame Aqui Bagé”, analisando às discussões sobre a vinda do ex-presidente Lula a cidade. Partindo do pressuposto que a violência simbólica se dá através do discurso, que possui em seu âmago a intensão de persuadir e convencer, o acirramento do debate anti-petista e a disseminação do ódio coletivo, nos remete a um entendimento maior sobre o pensar e o que é politicamente correto para o sujeito bajeense enquanto parte de uma comunidade virtual.

Palavras-chave: Comunidades virtuais; Reclame Aqui Bagé; Análise de Discurso Mediada pelo Computador (CMDA); Violência Simbólica.

Introdução

A internet e as redes sociais mudaram os processos comunicacionais e a maneira com que as pessoas se posicionam e interagem entre si, mostrando que no ciberespaço os atores sociais estão condicionados ao pensar e ao fazer coletivo, transplantando experiências do “espaço online para o off-line” (BAUMAN, 2010, p.16). Fazendo com que se crie novas dinâmicas sociais, dentre elas, “a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC)” (RECUERO, 2009).

Seguindo a linha de raciocínio os atores sociais tendem a se agruparem em comunidades online conectadas por laços de identificação que Castells (1999), entende como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural (p.22), unindo quem é semelhante e separando quem é diferente. Esta construção de laços virtuais

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Bacharelanda do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação Social – Facos Urcamp, e-mail: hallanicas@gmail.com.

pode ser extremamente nociva quando tratamos de discussões ideológicas que podem resultar em discursos de propagação de ódio ou até mesmo a violência.

Deste modo, o presente trabalho busca analisar violência simbólica (linguagem) presente nas postagens da página do Facebook, “Reclame Aqui Bagé”, diante da visita do ex-presidente Lula³ a cidade. Guiada pela hipótese de que a “violência simbólica” (BOURDIEU, 1998), se dá na rede social através do “discurso mediado por computador” (RECUERO, 2009), que nos permite entender, identificar e analisar o conteúdo como disseminação de ódio através da linguagem.

A pesquisa tem como objetivo geral coletar postagens que se enquadram em discursos de ódio para que possamos entender o acirramento do debate acerca da violência simbólica criada pelas “redes sociais online” e o quanto isto influencia na “realidade social” (RECUERO, 2009), visto que os atores sociais se agrupam por questões de identitárias como é o caso da página em questão. Para a elaboração da análise foram coletadas duas postagens que continham em seus comentários mensagens hostis, odiosas e que promovessem e incitassem a violência coletiva.

Para tanto, vamos começar entendendo como funciona a interação social na internet e como os indivíduos se agrupam através de laços identitários nesta estrutura. Após introduziremos o conceito de comunidade virtual, para entender como os membros do “Reclame Aqui Bagé, interagem no ciberespaço.

E, por fim através da Análise de Discurso Mediada pelo Computador (CMDA) presente nos estudos de Raquel Recuero (2009), e a utilização das pesquisas sobre violência simbólica saber como os membros da página opinaram sobre os protestos (a favor e contra), fazendo uso do discurso de ódio como legitimador do “poder simbólico” (BOURDIEU, 1930).

Interação no Ciberespaço

O avanço das tecnologias mudou as relações sociais entre as pessoas, para Bauman (2011), vivemos em um mundo líquido moderno em constante evolução e

³ Ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva esteve em Bagé no dia 19/03/2018, em uma expedição chamada “Lula pelo Sul”. A ação gerou revolta e protestos na cidade, o que também foi debatido no meio online.

modificação, “O mundo que chamo de “líquido” porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança” (2011, p.7), e esse caráter liquefeito se confirma na ânsia por um fluxo cada vez maior de informações, que atualmente são facilmente acessíveis pelos celulares

[...] todos precisam ser, como diz a palavra da moda, “flexíveis”. Por isso, ansiamos por mais informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. Felizmente, dispomos hoje de algo que nossos pais nunca puderam imaginar: a internet e a web mundial, as “autoestradas de informação” que nos conectam de imediato, “em tempo real”, a todo e qualquer canto remoto do planeta, e tudo isso dentro de pequenos celulares ou iPods que carregamos conosco no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos (BAUMAN, 2011, p.8)

Nesta sociedade líquida cada vez mais conectada, seria evidente que a forma de interação social sofreria mudanças, mesmo que tenha seus pontos positivos, segundo Bauman (2011), a enxurrada de informações sem parâmetros é uma das características negativas, quando pensamos em um mundo globalizado, “ como filtrar as notícias que importam no meio de tanto lixo inútil e irrelevante? Como captar as mensagens significativas entre o alarido sem nexos?” (2011, p. 8).

Como apontado por Bauman (2011), não é de total positividade esse fluxo intenso de informações e esse intercâmbio de culturas proporcionado pela internet, há no ciberespaço a possibilidade de tecer antigas frustrações e estigmas sociais, fazendo o uso do conceito apresentado por Goffman (2004)⁴. Castells em “A galáxia da internet”⁵ aborda sobre as transformações na maneira que os atores sociais se relacionam na internet:

O papel mais importante da Internet na estruturação de relações sociais é sua contribuição para o novo padrão de sociabilidade baseado no individualismo. Cada vez mais, as pessoas estão organizadas não simplesmente em redes sociais, mas em redes sociais mediadas por computador. Assim, não é a internet que cria um padrão de individualismo em rede, mas seu desenvolvimento que fornece um suporte material apropriado para a difusão do individualismo em rede como a forma dominante de sociabilidade (CASTELLS, 2003, p.109).

⁴ Para Goffman (2004), o estigma é uma marca social negativa que é construída pelo grupo dito como “normal”, que caracteriza a identidade do (outro), e da qual este não consegue libertar-se. Estigma é a marca que foi atribuída a alguém que ou nasce com essa marca, a exemplo de uma pessoa negra, ou pode adquirir como é o caso de identidades desacreditáveis.

⁵ CASTELLS, Manuel. A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003. p. 109.

Em se tratando de modificação (nos processos comunicacionais), Recuero (2009), percebe a utilização de tecnologias por parte dos atores sociais como papel fundamental na transformação da vida social, “no ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. (Judith Donath, 1999; *apud* RECUERO, 2010, p. 27). No meio online cada palavra ou expressão representa o “processo permanente de construção e expressão de identidade por parte dos atores” na internet (*iden*, p.27).

Seguindo o raciocínio de Recuero (2009) “os atores sociais são o primeiro elemento da rede social”, “os nós” envolvidos na rede analisada (p. 25), entendendo rede como uma “estrutura social composta de indivíduos (ou organizações)”, que são interligados “por um ou mais tipos de interdependência”, como “amizade, parentesco, interesse comum, trocas financeiras, aversões, relacionamentos sexuais ou relacionamentos de crença, conhecimento ou prestígio” (*apud* PASSMORE, 2011; SILVA; STABILE, 2016, p. 237).

Esses “nós”, se sociabilizam e criam “laços” únicos que deixam rastros na internet, e são esses rastros que são analisados e contabilizados para o “reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros (RECUERO, 2009, p. 24).

Partindo dessa perspectiva vamos estudar as interações dos membros da página “Reclame Aqui Bagé”, através dos comentários, focando nas “estruturas sociais” que surgem nesta rede social e de “que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas” sociais (*iden*).

Redes Sociais: identidade e agrupamento

Submersos nessa sociedade *líquida* (BAUMAM, 2011), sob constante evolução dos processos comunicacionais que implicam na maneira que as pessoas “interagem no ciberespaço”, os “nós” dentro das redes sociais online, irão construir identidades através das ferramentas encontradas na plataforma em que se encontram.

Segundo Goffman (*apud* RECUERO, 2009), os indivíduos utilizam sobretudo a palavra e a linguagem visual nas redes sociais da internet, e é pela forma pelas quais os sujeitos se apropriam dessas ferramentas que a rede adquire sentido. “Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais” (RECUERO, 2010, p. 27 *apud* GODOI, 2016).

Para Castells (1999), a identidade parte de uma construção coletiva formulada através da matéria-prima “fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, memória coletiva, fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (1999, p.23), mas não somente por esses materiais que são processados em cada indivíduo/grupo social de maneira distinta fazendo valer outras percepções como a realidade social e a cultura de um povo.

As redes sociais são constituídas por interações que constroem grupo sociais, estes agrupamentos acontecem através de laços de identificação, para tal utilizo do conceito de Recuero (2009) que explica “laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social” (p. 36).

Com relação as redes que são criadas através desses laços sociais entre os atores, a autora separa em dois tipos, redes emergentes, “redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador” (p. 94), e redes de filiação/associativas são “constituídas de dois tipos de nós: os atores e os grupos. Esses nós se relacionariam por conexões de pertencimento” (p. 95).

Assim, os “nós” da rede fazem uso das ferramentas encontradas nos sites de redes sociais como, o uso de “linguagem visual”, para se expressarem e se agruparem em determinados grupos que influenciaram a maneira com que os sujeitos se sociabilizam, formulando um processo único de relacionamento.

Comunidade Virtual

O ciberespaço vai muito além de interações mediadas por computador: “neste novo espaço, por meio da tecnologia, os homens passam a criar conexões e relacionamentos capazes de fundar um espaço de sociabilidade” (ZANINI, 2016, p. 4; *apud* SILVA; STABILE, 2016, p. 166)⁶.

A modificação desses processos comunicacionais possibilitou que pessoas buscassem “novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades já que, por conta da violência e do ritmo de vida, não conseguem encontrar espaços de interação social” (RECUERO, 2009, p.136).

Recuero já havia constatado isso através das interações entre os atores no ambiente online “as interações através do computador estão possibilitando o surgimento de grupos sociais na Internet, com características comunitárias” únicas. Então, esses grupos seriam “construídos por uma nova forma de sociabilidade, decorrente da interação mediada pelo computador, capaz de gerar laços sociais”, dado que já havíamos constituído acima através da noção de grupamentos identitários (p. 136).

A autora ao citar um dos primeiros teóricos ao utilizar o conceito de “comunidades virtuais”, define:

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço (RECUERO, 2009, p. 137 *apud* RHEINGOLD, 1995, p. 20)

A partir da conceituação entendemos que a página “Reclame Aqui Bagé”, criada inicialmente para compartilhamentos dos problemas sociais que acometem a população bajeense, nada mais é e que uma comunidade online onde “as pessoas se relacionam, trocam experiências, criam vínculos afetivos e emocionais e redes de apoio” (SILVA; STABILE, 2016, p.174). Porém, nesta rede também percebemos a movimentação de grupos reacionários que através de postagens fazem uso dos discursos de ódio.

⁶ Débora Zanini apresentou um estudo sobre Etnografia em mídias sociais, presente no Livro: Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações, organizado por SILVA, Tarcízio; STABILE, Max.

Violência Simbólica através da Linguagem

Bourdieu (1998) defende que a violência (enquanto sistema simbólico), provém da construção social e têm como objetivo a manutenção e perpetuação dos interesses da classe dominante. Entendendo sistemas simbólicos como instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento, que cumprem “a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam” (p. 11).

A imposição da dominação só existe segundo o autor, porque provem da função mascarada do discurso dominante, que tende a “impor a apreensão da ordem estabelecida como natural (ortodoxia)” por meio de sistemas de classificação e de estruturas mentais que foram criados e objetivamente ajustados “às estruturas sociais” (iden, p. 14).

Neste trabalho, interessa o conceito de violência simbólica, para que conseguimos entender que ele advém da linguagem, mas não reside nos sistemas simbólicos e sim, na relação direta “entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos”, o poder está na “estrutura do campo em que se produz e reproduz a crença” (iden, p. 14 e 15), como explica o sociólogo Bourdieu (1998):

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 1998, p. 15)

O discurso, então, é um instrumento de dominação, que é emitido por aqueles que possuem o poder simbólico (relação entre quem exerce o poder e quem é submetido a ele). Já a violência simbólica “é responsável pela formação de um discurso de incitação à violência e dele se extraindo uma ideologia. É um produto das relações históricas de dominação nos espaços sociais, que passa a residir também nos espaços online” (SANTOS; CUNHA, 2014, p. 12).

Slavoj Žižek em sua obra *Violência* (2014), nos convida a olharmos a fundo e entendermos que parte daquilo que entendemos sobre violência só diz respeito a violência subjetiva, que é apenas uma parte de uma trilogia,

A violência subjetiva é somente a parte mais visível de um triunvirato que inclui também dois tipos objetivos de violência primeiro lugar, há uma violência “simbólica” encarnada na linguagem e em suas formas, naquilo que Heidegger chamaria a “nossa casa do ser”. Como veremos adiante, essa violência não está em ação apenas nos casos evidentes – e largamente estudados – de provocação e de relações de dominação social que nossas formas de discurso habituais reproduzem: há uma forma ainda mais fundamental de violência que pertence à linguagem enquanto tal, à imposição de um certo universo de sentido. Em segundo lugar, há aquilo a que eu chamo violência “sistêmica”, que consiste nas consequências muitas vezes catastróficas do funcionamento regular de nossos sistemas econômico e político. (ŽIŽEK, 2014, p. 17)

O que Žižek fala sobre violência objetiva vai de encontro com os estudos de violência Simbólica de Boudieu, ambas resultam do poder simbólico e trabalham na naturalização do poder exercido pela classe dominante. Entendo como violência objetiva a “violência invisível, uma vez que é precisamente ela que sustenta a normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento”. Assim, a violência sistêmica é de certo modo algo como a célebre “matéria escura” da física, a contrapartida de uma violência subjetiva (demasiado) visível (p. 19).

Metodologia

Para entendermos a interação desses grupos dentro da comunidade virtual e os discursos por eles proferidos como parte da violência simbólica e ainda, como uma forma de incitar a violência coletiva, o método utilizado foi baseado no modelo desenvolvido pela linguista Susan Herring (2004 e 2012), denominado Análise do Discurso Mediado por Computador (CMDA), ou *Computer-Mediated Discourse Analysis*, e adaptado com base nos estudos da Raquel Recuero (2013), que consiste em avaliar: estrutura, sentido, interação, comportamento social e comunicação multi modal, conforme o quadro abaixo:

Tabela 1: Cinco níveis da CMDA: Recuero (2013)

| Nível | Questões | Fenômeno | Método |
|-----------|---|---|--|
| Estrutura | Oralidade, formalidade, eficiência, expressividade, complexidade, | Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquema do discurso, convenções de formatação e etc. | Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus |

| | | | |
|-------------------------------------|---|---|--|
| | características de gênero e etc. | | linguístico, estilística etc. |
| Sentido | Qual é a intenção O que é comunicado O que é realizado | Sentido de palavras, atos de fala, locuções, trocas e etc. | Semântica e pragmática. |
| Interação | Interatividade, tempo, coerência, reparação, interação como construção e etc. | Turnos, sequenciamentos, trocas e etc. | Análise da Conversação e etnometodologia |
| Comportamento Social | Dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais e etc. | Expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos, discurso e etc. | Sociolinguística interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da comunicação. |
| Comunicação Multimodal ⁷ | Efeitos do modo, coerência do cruzamento de modos, gerenciamento de endereçamento e referência, espalhamento de unidades de sentido gráficas, coatividade de mídia e etc. | Escolha do modo, texto-na imagem, citações em imagens, animação, deixis e posição espacial e temporal, etc. | Semiótica social, análise de conteúdo visual e etc. |

A opção foi analisar postagens publicadas na página do Facebook “Reclame Aqui Bagé” (<https://www.facebook.com/groups/reclameaquibage/>), que possui 54.965 mil membros e é administrada por duas pessoas. A escolha da página para a pesquisa se deve pelo fato de que este é espaço de maior interação online em Bagé, nem mesmo as páginas dos dois jornais locais possuem tantas postagens, compartilhamentos, curtidas, tão pouco membros. Tornando assim, ainda mais pertinente o entendimento sobre grupos que propagam mensagens de ódio e violência nesta comunidade virtual.

Buscamos analisar de forma qualitativa a partir da tabela acima os discursos de duas postagens sobre a vinda do ex-presidente Lula a Bagé e a repercussão que isso gerou dentro da página, por esse motivo escolhemos as mais populares (nível elevado de curtidas, comentários e compartilhamentos), postadas entres os dias 18 de março até 21

⁷ O nível de comunicação multimodal foi inserido posteriormente, em 2011.

de março. Vale ressaltar que os comentários escolhidos não representam a opinião da maioria dos internautas e membros da página, apenas representam o discurso da violência simbólica e como ela acontece de fato nesta página em questão, e nesta temática específica.

Análise

A página “Reclame Aqui Bagé” foi criada para que bageenses compartilhassem seus anseios e problemas que abrangem a realidade social da maioria da população. As postagens podem ser feitas por qualquer pessoa, assim que tornar-se membro, visto que a página é privada. Ao observar a página entre março/abril percebemos que não existe um padrão de postagens, encontramos desde queixas com problemas hídricos à pessoas que foram assaltadas e não recomendam um certo horário para sair durante a noite.

Os posts coletados possuem em seus comentários mensagens hostis e que tem como propósito naturalizar a violência simbólica através do discurso, reforçando a imposição de sentidos compartilhados pela classe dominante.

Tabela 2 – Postagens e sistematização de dados: Recuero (2013)

| Nome | Imagem | Texto | Comentários | Curtidas |
|------------|--------|--|-------------|----------|
| Postagem 1 | | Frase 1: "Parabéns aos bageenses que correram com a cambada de corruptos que tentou fazer comício com o chefe da quadrilha!" | 199 | 611 |
| Postagem 2 | | Frase 2: Nesta postagem em questão um dos membros da página apenas posta o link da matéria que fala sobre os protestos em torno de Lula. | 90 | 148 |

Estrutura: Conforme a tabela 1, o primeiro critério de análise é a estrutura das postagens. A postagem 1 é composta de uma opinião pessoal sobre os protestos que aconteceram na cidade na vinda de Lula (PT), além de argumentos sobre o partido em questão, que segundo a internauta ficou “12 anos no poder”, e um problema antigo da cidade a barragem da Arvorezinha.

Na segunda postagem o interessante é que o internauta postou apenas uma matéria do site (uol.com.br) e abriu margem para a população comentar e opinar. Observamos de início que a plataforma do Facebook possibilita uma maior interação entre aqueles que postam e aqueles que querem “compartilhar, curtir ou comentar”, dado que possibilita contato com pessoas que não necessariamente se conhecem, mas se encontram ligadas a uma mesma página de interesses comuns.

Sentido: O principal sentido da postagem 1 é mostrar que a internauta está orgulhosa de todo cidadão que se locomoveu até a Unipampa no dia 19 de março para protestar contra a vinda de Lula, Dilma e seus colegas de partido, embasando seu argumento através de problemas que segundo o perfil, não foram resolvidos na gestão governamental anterior.

Na segunda postagem, o perfil compartilha na página um link que direciona para uma matéria relatando que Lula não ficou nada contente com os protestos dos ruralistas e produtores rurais contra sua vinda à cidade. Ambas as postagens não foram compartilhadas, mas só de “curtir ou comentar” os membros da página “acrescentam sentidos, legitimando ou não o conteúdo da mensagem” (RECUERO; SOARES, 2013, p. 247), retomando o debate, porque a postagem retorna para o início da página, fazendo com que cada membro que visitar retorne a ler, tornando a análise ainda mais complicada.

Interação: A interação entre os perfis é realizada através de curtidas e comentários. Utilizando apenas dois elementos do Facebook, pois o compartilhamento nas postagens não foi encontrado, e segundo Recuero e Soares (2013), “enquanto a curtida tem uma carga positiva de legitimação e apoio, é no comentário que pode surgir o questionamento e a discordância” (p. 247). Ambos os pontos foram levantados nos comentários e curtidas das duas postagens, onde na primeira postagem obteve 611 perfis

curtindo e 199 comentários, já na segunda foram encontrados apenas 148 curtidas e 86 comentários, em sua maioria contra a vinda de ex-presidente.

A maioria dos comentários coletados tinham a intenção de propagar a violência e em sua maioria legitimar o que foi exposta na primeira postagem, o repúdio a vinda de Lula, rindo e comentando com a hashtag #lulanacadeia e #bolsonaro2018. Alguns perfis o chamavam de “velho bêbado” e que quem concordasse com a vinda de Lula “deveria ir para o buraco junto com ele”. A associação de Lula com a bebida não é nova no ambiente virtual, e segundo os estudos de Goffman (2004), a “identidade social”, são as categorizações e atribuições que são feitas através das “relações sociais” ao corpus de pessoas, como o Lula, imputando-lhe o “estigma” de uma pessoa “que possui atributo profundamente depreciativo” (p.6), a bebida.

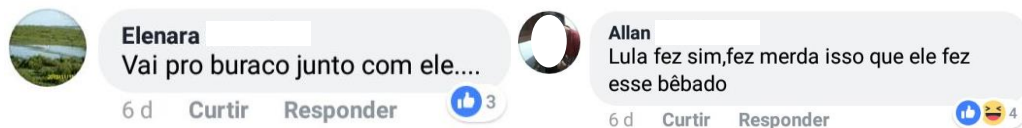


Figura 1 e 2: Comentários da postagem 1

Também encontramos comentários com expressões locais como “caboco e cafumango”, atribuídos ao estereótipo, ambos são características negativas. Também encontramos palavras de baixo calão para estigmatizar e conferir a Lula o que Goffman entende como uma outra perspectiva do estigma o “desacreditavel”, que é quando alguém possui atributos negativos que não são nitidamente perceptíveis, a exemplo das “culpas de caráter individual” como “alcoolismo e desonestidade” (GOFFMAN, 2004, p. 7).

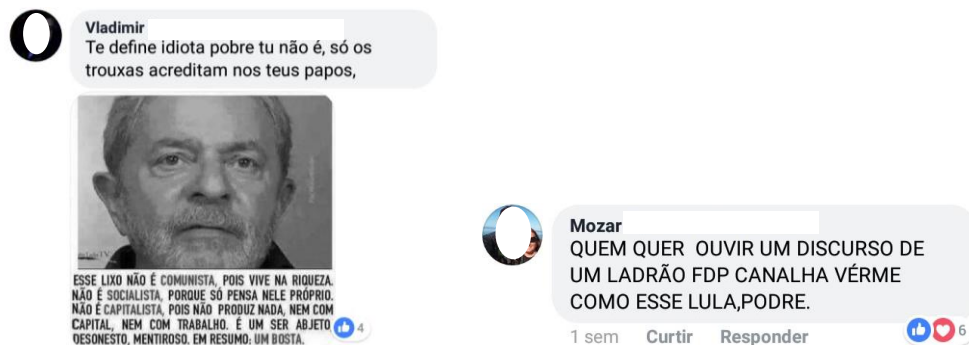


Figura 3 e 4: Comentários da postagem 2

Segundo os estudos de Santos e Silva (2013), o discurso de ódio “consiste na manifestação de ideias que incitam à discriminação racial, social ou religiosa em relação a determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias (*apud* BRUGGER, 2007, p.2), é originário do “inglês *hate speech*” e tem como pressuposto a externalidade, manifestação por meio do ódio. Tendo como característica “o ataque à dignidade da pessoa humana e violação de direitos fundamentais. (SANTOS; CUNHA, 2013, p. 2).

Difícil de ser identificado e categorizado esse tipo de discurso pode ser de maneira “explícita ou implícita. A incitação pode estar presente no discurso de forma clara ou subliminar (*iden*). Em ambas as postagens citadas os comentários uniam palavras de baixo calão a argumentos que se eximiam ao ódio e a legitimação do poder simbólico, quando tratados de mensagens que concordavam com as postagens.

Já os comentários a favor (da vinda de Lula), compartilharam em sua maioria o uso da *hashtag* #lula2018 e o apoio aos projetos sociais criados em sua governança. Em nenhuma das postagens foi encontrado comentários que tivessem a intenção de “ofender, estigmatizar ou exercer a violência simbólica” por meio do discurso por parte daqueles perfis contrários aos posts e a favor da vinda de Lula.

Comportamento Social: O comportamento social dos internautas na postagem 1, foram de argumentos embasados na política partidária que foi realizada na cidade, tendo como princípio a crítica a antiga governança, e assim a Lula, formando um grande grupo contra Lula e pequenos grupos a favor. Já a segunda postagem possui menos comentários, mas em sua maioria com poucos argumentos somente atrelados a violência simbólica que acontece através da linguagem, e cria imposições discursivas que resulta na imposição de “verdades” através do poder simbólico.

Dado interessante é que a maioria dos perfis que fizeram comentários ofensivos eram do gênero masculino, e a maioria que realizou postagens a favor de Lula eram do público feminino. Nas interações realizadas através dos comentários também encontramos a repetição das palavras “orgulho do povo bajeense”, “parabéns Bagé”, também encontramos as expressões “ Já te cago de laço” e charges com o ex-presidente fugindo do que seria a representação simbólica de um gaúcho.

Comunicação Multimodal: Visto que nas postagens analisadas não houve compartilhamentos, a multimodalidade se dá através dos comentários que colocavam

links para se referir a postagens anteriores da mesma temática contidas na página, que reforçavam o discurso contido na mensagem, ou seja, “ O discurso pode ser até mesmo alterado, como quando um indivíduo compartilha a postagem, ou a copia e coloca em seu perfil, e a complementa com outro discurso, desconstruindo o tema inicial ou mantendo o estigma e a violência contida nele “ (RECUERO; SOARES, 2013, p.250).



Figura 5: Exemplo de comunicação multimodal

Considerações Finais

O presente ensaio buscou analisar como que os membros da página “Reclame Aqui Bagé”, se comportam no ciberespaço quando analisamos uma temática polêmica que, é a política partidária. Trazendo conceitos de comunidade virtual e como os membros se filiam através de identidades coletivas ou associações por interesses em comum, como é o caso da página em questão.

Buscando entender como que a violência silenciosa, sendo objetiva ou simbólica, se travesti da linguagem como instrumento de legitimação daquilo que seria “a verdade absoluta”, quando imposto a públicos específicos, mostrando que quando a submissão não ocorre, em casos de postagens que os atores sociais não mudaram de opinião, o discurso pode vir reforçado de mensagens de ódio, que não possuem outro objetivo a não ser ofender e diminuir aquele que não concorda com a opinião que alguns nós(masculinos em sua maioria), julgam como a “verdade absoluta e incontestável”, ultrapassando assim o debate saudável, partindo para a violência simbólica para fins da restituição da hegemonia da classe dominante.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo Líquido moderno**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2011. 16 p. ISBN: 978-85-378-0770-5. Acessado em: 12/04/2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003. p. 109.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999. 22 à 25p. ISBN: 85-219-0336-7

GODOI, N. B. B. **Dinâmicas da violência Simbólica**. A escola e o discurso de ódio nas redes sociais. São Paulo, 2016. (Monografia apresentada na Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação).

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. New York: Touchstone, 1891. Quarta edição. Digitalizado 2004

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009. ISBN: 978-85-205-0525-0

_____. SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook**: o caso da fanpage “Diva Depressão”. São Paulo: Galaxia (Online), 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/v13n26/v13n26a19.pdf>> Acessado em 12/04/2018

SANTOS, M. A. M. ; CUNHA, Renata Silva. **Violência simbólica nas redes sociais**: incitação à violência coletiva (linchamento). In: VII Congresso Brasileiro da Sociedade da Informação Regulação da Mídia na Sociedade da Informação. São Paulo, 2014. Disponível em:<<http://www.revistaseletronicas.fmu.br/index.php/CBSI/article/view/526>> Acessado em 16/04/2018

SANTOS, M. A. M. ; SILVA, Monica Tereza Mansur . **Discurso do Ódio na Sociedade da Informação Preconceito, Discriminação e Racismo em Redes Sociais**. In: XXII Congresso Nacional do CONPEDI/UNINOVE. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=dc1f1e86d49bb24c>> Acessado em 10/04/2018

SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (Orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais**: metodologias, aplicações e inovações. São Paulo: Uva Limão, 2016. 364p. ISBN 978-85-93072-01-7

ŽIŽEK, S. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014
Disponível em: <<file:///N:/Downloads/Trabalho%20Reclame%20Aqui%20Bagé/Violencia%20-%20Slavoj%20Zizek.epub>> Acessado em 04/04/2018